

**FACULDADE DE SÃO LOURENÇO
PSICOLOGIA**

CRISTYANE LARYSSA AMARAL DORE

**OS BENEFÍCIOS DO TREINO DE HABILIDADE SOCIAIS PARA CRIANÇAS
COM USO EXCESSIVO DE TELAS – UMA REVISÃO NARRATIVA**

SÃO LOURENÇO

2022

**FACULDADE DE SÃO LOURENÇO
PSICOLOGIA**

CRISTYANE LARYSSA AMARAL DORE

**OS BENEFÍCIOS DO TREINO DE HABILIDADE SOCIAIS PARA CRIANÇAS
COM USO EXCESSIVO DE TELAS – UMA REVISÃO NARRATIVA**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de São Lourenço
como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Mestre Gabriela Correia Lubambo Ferreira

SÃO LOURENÇO

2022

CRISTYANE LARYSSA AMARAL DORE

OS BENEFÍCIOS DO TREINO DE HABILIDADES SOCIAIS PARA CRIANÇAS COM USO EXCESSIVO DE TELAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

Trabalho apresentado a Faculdade de São Lourenço, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Cristyane Laryssa Amaral Dore

Data da aprovação: ___/___/____, São Lourenço, MG.

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a) Gabriela Correia Lubambo Ferreira.
Mestre em Psicologia pela UFJF.
Professora do Curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço.

Rodolfo Ribeiro Junior.
Mestre em Citogenética pela Universidade Vale do Rio Verde.
Professor do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço.

Roberto Silva de Souza.
Mestre e Doutor em Psicologia Social pela UERJ.
Coordenador do curso de Psicologia da Faculdade de São Lourenço.
Professor convidado.

RESUMO

Atualmente, o crescimento do uso da tecnologia, principalmente na infância, tem sido perceptível, seja para qual for o fim. Estudo ou entretenimento, as crianças já crescem familiarizadas com esse meio e se não for bem acompanhado, a linguagem digital pode até mesmo alterar os padrões de pensamentos e de desenvolvimento. Uma ampla discussão tem ganho enfoque diante desse tema, onde se é refletido tanto os aspectos negativos da realidade virtual, como definir o que se deve ou não se deve compartilhar na internet, quanto aos aspectos positivos, como o desenvolvimento de habilidades criativas por exemplo, postando na internet músicas ou vídeos de autoria própria. Diante de um cenário tendencioso ao mundo digital, é válido refletir sobre trazer as crianças e adolescentes para o mundo físico e real, as incentivando a criatividade, imaginação e relacionamentos interpessoais. Considerando os fatos acima, o presente artigo visa discutir a importância e os benefícios do treino de habilidades sociais como estratégia de enfrentamento para crianças com o uso de telas excessivo.

Palavras-chaves: Telas, Infância, Habilidades Sociais

Introdução

É perceptível que as mídias interativas estão em ascensão entre crianças e adolescentes nos dias atuais. Dispositivos como celulares, tablets, televisões e computadores têm se tornado essenciais na rotina infantil e vem sendo utilizados com diversos fins como, entretenimento, distração na ausência dos pais, lazer e até mesmo como complemento de aprendizados (GUEDES et al., 2020).

Atualmente, estudos e discussões sobre o tempo de exposição às mídias interativas têm ganho enfoque. Profissionais de saúde, especialistas e sociedades científicas em todo mundo têm investigado para estabelecer recomendações sobre o uso de mídia e a exposição de telas (GUEDES, *et al.* 2020; RADESKY & CHRISTAKIS, 2016; ARANTES, 2021). Após a pandemia de COVID-19, foi observado que o a utilização de dispositivos como tablets e celulares aumentou. O distanciamento social e a carência interativa na pandemia, fez com que queixas sobre a utilização de mídias por crianças se tornasse mais frequente, além de ter se tornado um assunto diário em clínicas pediátricas e psicológicas (BAPTISTA E JERUSALINSKY, 2017).

No contexto do mundo moderno, smartphones, tablets e celulares foram inseridos na rotina de pessoas de diferentes faixas etárias, inclusive crianças e adolescentes. A infância é caracterizada por modificações psicossociais e biológicas, que permitem importantes desenvolvimentos nos domínios afetivo, motor e cognitivo do desenvolvimento (RODRIGUES, MELCHIORI, 2014). Nesse momento em que a criança se encontra, o sistema nervoso central sofre uma constante transformação, favorecendo a aprendizagem. Dessa forma, o ambiente exerce uma grande influência por inter-relacionar de maneira constante e dinâmica com os fatores intrínsecos à criança. Sendo assim, se deve oferecer para as crianças, principalmente no período de 0 a 6 anos de idade, espaço adequado para liberdade de movimento, brinquedos e materiais de aprendizagem e principalmente, brincadeiras livres (NOBRE *et al.*, 2021).

Um estudo realizado pela American Academy of Pediatrics (AAP) recomenda que a exposição de crianças e adolescentes à tela não ultrapasse duas horas por dia, porém, é entendido que o tempo de exposição pelo qual a criança tem passado em frente das telas sido crescente (American Academy of Pediatrics, 2013).

Para faixa etária adulta, o tempo de exposição às telas tem sido considerado um fator de risco para o comportamento sedentário, para doenças metabólicas e cardiovasculares (BENTO, *et al*, 2016). Em relação à faixa etária de crianças e adolescentes, pode gerar maior pressão arterial, obesidade e até mesmo problemas relacionados a saúde mental, além de reduzir o tempo de interação familiar e social. Autores têm associado atraso nos domínios de linguagem e habilidade motora fina a alta exposição de telas (MORAES, 2016). Madigan, *et al*. (2019) relatam em seu estudo que o uso de telas é considerado fator de risco para interferências no desenvolvimento neuropsicomotor, podendo estar relacionado ao atraso de linguagem, habilidades motoras, comunicação e saúde socioemocional. Moon e colaboradores (2019), ao realizarem um estudo transversal com 117 crianças entre 3 e 5 anos, encontraram que o tempo de uso de telas foi correlacionado negativamente com a linguagem expressiva entre as crianças de 3 anos de idade.

A era digital, como tem sido chamada por alguns pesquisadores, merece uma certa atenção quando se trata do tempo de utilização das telas pelas crianças e adolescentes para que, o desenvolvimento social, emocional, cognitivo e linguístico desses indivíduos não seja influenciado negativamente pelas telas (RICH, TSAPPIS, KAVANAUGH, 2019). Foi evidenciado cientificamente que as mídias interativas podem oferecer tanto benefícios quanto riscos para a saúde das crianças, dependendo do tempo de exposição de cada indivíduo. Diante desse fato, é fundamental o papel do responsável para que as orientações profissionais sejam seguidas corretamente (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

No Brasil, pesquisas e estudos relacionados as mídias interativas e suas influências são escassos. Apesar disso, a literatura indica que o fundamental é a forma em que a mídia é utilizada e não a tecnologia em si. Foi relatado que a exposição das mídias interativas com a presença dos pais é um potencializador de benefícios, possibilitando o desenvolvimento cognitivo, da habilidade motora, da linguagem e da interação pai-filho (GUEDES, *et al*. 2020). Entretanto, alguns estudos relatam a influência negativa da mídia quando se não tem um tempo adequado de exposição digital (AMARAL, 2009). Foi evidenciado que nos últimos anos, os psicólogos tem atendido números cada vez maiores de crianças

e adolescentes que tiveram seu desenvolvimento e sua saúde prejudicados pelas telas (RICH, TSAPPIS, KAVANAUGH, 2019).

As habilidades sociais são componentes indispensáveis da competência social (Del Prette & Del Prette, 2011). O termo “habilidades sociais” se aplica às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que são requeridas para a qualidade e efetividade das interações que ele estabelece com as demais pessoas (Del Prette & Del Prette, 2008).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) publicou em 2016 com atualização em 2020, um boletim com recomendações direcionadas para profissionais, jovens e pais, descrevendo diferentes estudos científicos constando os principais problemas médicos que podem afetar a saúde da população pediátrica. Entre os casos descritos, se encontram: Dependência Digital e Uso Problemático das Mídias Interativas; Transtornos do déficit de atenção e hiperatividade; Transtornos de alimentação: sobrepeso/obesidade e anorexia/bulimia; Problemas de saúde mental: irritabilidade, ansiedade e depressão; Transtornos do sono; Transtornos da imagem corporal e da autoestima; Problemas auditivos e perda auditiva induzida pelo ruído; Problemas visuais, miopia e síndrome visual do computador; Sedentarismo e falta da prática de exercícios, além de sofrerem Bullying & cyberbullying que podem resultar no uso de nicotina, vaping, bebidas alcoólicas, maconha, anabolizantes e outras drogas (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019 – 2021). Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é refletir e buscar informações, através de uma revisão narrativa, sobre os benefícios do treino de habilidades sociais para crianças com o uso excessivo de telas.

Desenvolvimento infantil na era digital

Desde a Revolução Industrial (1760 -1840), a forma de se viver em sociedade mudou e continua em constante mudança. Segundo Castells (2000) e Nicolaci-da-Costa (2002), as revoluções tecnológicas, as quais trazem profundas mudanças no funcionamento e na estrutura social, têm muito em comum no que diz respeito tanto às suas consequências sociais quanto psicológicas.

O Psicólogo Alemão Hartmut Rosa critica a aceleração da comunicação e da informação pelo fato do rápido desenvolvimento induzir uma realidade espaço-temporal em constante mutação, ao qual exige do indivíduo uma contínua adaptação cognitiva que não coincide com o ritmo biológico do ser humano, resultando em uma posição de tensão adaptativa constante, produzindo falha de sua adequação à realidade concreta, uma disfunção psíquica indutora de estresse e fadiga cognitiva, que pode chegar a gerar patologias e comportamentos inadaptados (DONARD, 2016).

É nítido que a internet penetrou de tal forma na sociedade a ponto de se tornar uma plataforma essencial para o desenvolvimento das mais variadas atividades, sejam elas, educacionais, políticas, econômicas e trabalhistas (BAUMAN, 1999). No século XIX, assim como a sociedade após os novos modos de produção industrial teve a emergência do individualismo, acredita-se que a internet trouxe consigo a emergência de uma nova organização subjetiva, mais superficial, menos concentrada, mais ágil e menos presa a projetos a longo prazo (BAUMAN, 2001).

A trajetória da vida humana é marcada desde os primeiros dias após o nascimento até a conclusão das primeiras etapas de maturação. Os aspectos ambientais, socioeconômicos, culturas e todas as relações estabelecidas com o meio externo constituem uma relação direta na forma e na qualidade que o indivíduo se desenvolve, sendo assim, se compreende que crianças expostas ao consumo exagerado de qualquer uma das redes de relação e consumos, tendem a sofrer reflexos na vida adulta, seja eles perdas ou ganhos (GAÍVA, *et al.* 2018).

A linguagem digital faz parte da vida das crianças da atual geração, podendo alterar padrões de pensamento e a forma como aprendem. Os chamados “nativos digitais” segundo PRENSKY (2001) ou a “geração net” pelas palavras de TAPSCOTT (2009), não possuem qualquer desafio para as tecnologias digitais, visto que eles já haviam nascido no mundo digital. Para esses autores, tal perspectiva deixa claro que as crianças estariam ultrapassando os adultos e tomando os seus lugares na corrida tecnológica.

As crianças nascidas no século XXI presenciam uma época em que a tecnologia é considerada fundamental para a construção social. Antes mesmo do processo de alfabetização, a “alfabetização digital” já é descoberta na infância

e são memorizadas cada vez com mais facilidades como as expressões faciais, gestos, sons ou diversos outros recursos oferecidos pelas telas e pelos aplicativos digitais (SOUZA, 2017). Não se pode negar que os avanços tecnológicos são favoráveis para a sociedade. Porém, o seu uso durante horas ou em grande parte do dia, que muitas vezes é da forma que as crianças a utilizam, pode ser visto como preocupante por proporcionar riscos associados ao desenvolvimento infantil (TOMÁS, CARVALHO, 2017).

Brincadeiras como amarelinha, andar de bicicleta, pular corda, boneca, esconde-esconde, entre outras, estão sendo consideradas ultrapassadas e estão perdendo o seu espaço no repertório atual considerado brincadeiras de crianças (SIVIA; BORTOLOZZI; MILANI, 2019).

Não é apenas o âmbito de brincadeiras que vem sendo influenciado pelo uso de eletrônicos, mas também, as relações familiares. As telas tomaram lugares de pessoas na mesa, substituindo até mesmo os papéis dos pais que são considerados os principais mediadores da criança com os estímulos do ambiente (PETRI; RODRIGUES, 2020). Durante o desenvolvimento cognitivo da criança, é de grande importância que os pais participem, para que possam mediar o processo, o tornando apropriado, saudável e seguro (BRITO, 2018).

As crianças passam por importantes transformações não somente mentais, mas também físicas. O aparelho eletrônico no cotidiano de uma forma inadequada também se reflete na vida adulta, atrapalhando o desenvolvimento físico e acarretando problemas de saúde como dores musculares, obesidade, déficit de atenção, agressividade, enxaqueca, hiperatividade, diminuição no rendimento escolar ou profissional, problemas posturais, depressão, dessensibilização dos sentimentos e até mesmo o favorecimento a vícios (APOLINÁRIO, GIACOMAZZO, 2019).

A tecnologia, sem dúvida, é um instrumento rico em informações. Ao estabelecer uma relação entre mídias digitais e desenvolvimento saudável, é possível que a exposição de telas nem sempre seja caracterizada pelos malefícios, desde que seja supervisionada e seja estabelecido um limite pelo responsável da criança. Alguns pesquisadores acreditam que, acompanhando esses cuidados, inserir a tecnologia na educação infantil é necessário pois as crianças já estão imersas no mundo digital, além de visarem a importância de

criar uma mentalidade crítica sobre o uso de aparelhos tecnológicos para desenvolver nos pequenos crenças e valores (SANTOS, BARROS, 2017).

O primeiro contato de uma criança com o mundo tecnológico tem acontecido entre 0 e 6 anos. O sistema tecnológico e as redes tem sido inseridos de forma significativa e, para alguns estudiosos, isso é essencial para o aprimoramento motor, físico e intelectual na infância. Segundo informações de pesquisas, essa inserção na infância tem trazido ganhos de melhorias no desenvolvimento cognitivo e nas habilidades psicomotoras (DUNCKELY, 2019). Ao mesmo tempo em que a inserção da tecnologia na infância é aprimorada, se deve ter cautela. O tempo interativo de frente a uma tela age como um estimulante no sistema nervoso central, o qual os efeitos podem comprometer processos cerebrais e corporais (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016).

Diante de tais fatos e estudos, profissionais ao redor do mundo tem debatido sobre o uso excessivo de aparelhos eletrônicos no desenvolvimento e no crescimento de crianças. As crianças estão crescendo habituadas com tecnologias diversas, como, vídeo game, internet, tablets e celulares aos quais brincam, se comunicam e aprendem, porém, sem refletir em quais impactos essa exposição prolonga pode gerar futuramente (SANTANA, 2021).

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2020) afirma que o uso excessivo da internet pode se tornar patológico e levar o indivíduo a desenvolver transtornos de depressão, transtornos de ansiedade, transtorno do sono, além de gerar estresse, estímulo de comportamento auto lesivo ou pensamentos suicidas. Diante disso, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014) traz algumas definições de tais transtornos; o Transtorno de Ansiedade é definido por seis principais sintomas e entre eles incluem o Transtorno do Sono, citado anteriormente. Além disso, inquietação, fadigabilidade, dificuldade em se concentrar, irritabilidade e a tensão muscular, estão entre eles. A ansiedade e os sintomas físicos que a acompanha causam sofrimento clinicamente significativo, acarretando o funcionamento escolar, social, e profissional do indivíduo. No caso das crianças, as que sofrem com o Transtorno de Ansiedade, tendem a se preocupar excessivamente com a qualidade de seu desempenho e de sua competência. Durante o curso do transtorno, o foco da preocupação pode variar de uma preocupação para outra. A patologia de tal age de forma

significativa no comportamento psicossocial da criança e do adulto, refletindo de forma angustiante, com maior duração e intensidade, além de ocorrer sem precipitantes. A diferença do Transtorno de Ansiedade nas faixas etárias é basicamente no conteúdo da preocupação do indivíduo. No caso das crianças, elas se preocupam com a escola e a ansiedade gerada atinge diretamente a qualidade de seu desempenho escolar. Também pode haver preocupação excessiva com a pontualidade e dependendo do grau em que a criança se encontra, gera preocupação em eventos isolados, como terremotos. As crianças com o transtorno podem ser excessivamente perfeccionistas e inseguras, apresentando tendência a refazer tarefas por pensar que seu desempenho deve ser nada menos que perfeito. Elas demonstram zelo excessivo na busca de aprovação e exigem constantes garantias sobre seu desempenho e outras preocupações (APA, 2014).

O Transtorno do Sono pode se manifestar de diversas maneiras. Em crianças ele é manifesto como dificuldade para iniciar o sono sem a intervenção de cuidadores, ou então é manifesto como um sono com despertares frequentes, ao qual a criança tem dificuldade de retomar ao sono sem a intervenção de cuidadores. A perturbação do sono gera prejuízos clinicamente significativos no âmbito acadêmico, comportamental, educacional e em outras áreas da vida da criança (APA, 2014).

Autores afirmam que os efeitos negativos da baixa competência social e do desenvolvimento das habilidades sociais contribuíram significativamente para transtornos psicológicos. Os transtornos podem estar associados com problemas internalizantes, como os citados anteriormente, transtorno de ansiedade, depressão e fobia social. Os sintomas depressivos na infância estão relacionados a dificuldade em várias áreas de funcionamento adaptativo, a autorrecriminação, desânimo e a perda de interesse ao seu redor. Os sintomas físicos também são perceptíveis, com queixas de cansaço, insônia, dor de cabeça e dor de estômago. Os transtornos também podem estar associados a problemas externalizantes como, comportamento antissocial, agressivo ou desatento. Del Prette e Del Prette (2013) citam o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade como um sério problema acarretado pelo não emprego de técnicas das habilidades sociais na infância (Del Prette e Del Prette, 2013). O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade é caracterizado pelo (APA,

2014) pela desatenção e pela Hiperatividade e Impulsividade. A desatenção trás no mínimo seis sintomas que tem um impacto negativo nas atividades acadêmicas e sociais da criança. A criança que sofre com os esse transtorno demonstra os seguintes sintomas, frequentemente tem dificuldade de manter a sua atenção nas atividades lúdicas ou em tarefas, como manter o foco durante as aulas ou em leituras prolongadas; frequentemente parece não estar escutando quando alguém lhe dirige a palavra; frequentemente não segue as instruções até o fim e não consegue finalizar os trabalhos escolares; frequentemente evita ou não gosta em se envolver em trabalhos escolares ou em tarefas de casa que exigem esforço mental prolongado; frequentemente perdem materiais escolares como lápis, borracha, livros ou objetos necessários para realizar tarefas; frequentemente são distraídas por estímulos externos. No caso da Hiperatividade e Impulsividade trás os seguintes sintomas, frequentemente batuca as mãos ou os pés; frequentemente se levanta de seu lugar em situações que se deve permanecer sentado; frequentemente sobe ou corre nas coisas em situações inapropriadas; é frequentemente incapaz de brincar calmamente; frequentemente não consegue ficar parado por muito tempo; frequentemente fala mais que o devido; frequentemente responde uma pergunta antes que ela seja concluída; frequentemente tem dificuldade em esperar a sua vez; frequentemente se intromete sem ser solicitado ou interrompe quem está falando. Existem evidências claras que os sintomas interferem diretamente no funcionamento social e escolar da criança (APA, 2014).

A Sociedade Brasileira de Pediatria reforça que os Transtornos de Sono e os Transtornos de Aprendizado têm comprometido o rendimento escolar das crianças, os quais o brilho das telas tem impactado negativamente nesse aspecto. A faixa de onda de luz azul presente na maioria das telas, bloqueia a produção de melatonina, dificultando o sono e gerando a sonolência diurna, problemas de concentração e de memória durante o aprendizado escolar, aos quais ainda podem se associar ao Transtorno de Hiperatividade que as crianças tem apresentado (SBP, 2019).

Tabela 1 - Principais Problemas Médicos e Alertas de Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital da Sociedade

• Dependência Digital e uso problemático das Mídias Interativas;
• Problemas de saúde mental: irritabilidade, ansiedade e depressão;
• Transtornos do déficit de atenção e hiperatividade;
• Transtornos do sono;
• Transtornos de alimentação: sobrepeso/obesidade e anorexia/bulimia;
• Sedentarismo e falta da prática de exercícios;
• Bullying & cyberbullying;
• Transtornos da imagem corporal e da autoestima;
• Riscos da sexualidade, nudez, sexting, sextorsão, abuso sexual, estupro virtual;
• Comportamentos auto-lesivos, indução e riscos de suicídio;
• Aumento da violência, abusos e fatalidades;
• Problemas visuais, miopia e síndrome visual do computador;
• Problemas auditivos e PAIR, perda auditiva induzida pelo ruído;
• Transtornos posturais e músculo-esqueléticos;
• Uso de nicotina, vaping, bebidas alcoólicas, maconha, anabolizantes e outras drogas.

Fonte: Sociedade Brasileira de Pediatria – Manual de Orientação (2019-2021)

Um estudo significativo realizado no Ceará, Brasil, ao qual avaliou um total de 3.155 crianças de 0 a 60 meses demonstrou que, 69% das crianças nessa faixa etária tiveram um tempo total de tela superior às recomendações da OMS e a proporção de crianças com tempo de tela elevado aumentou com a idade da criança. Após os dados, foi possível determinar que o aumento total do tempo de tela estava associado a menores pontuações de comunicação infantil, domínios pessoais sociais e resolução de problemas. Uma conclusão preocupante foi descrita por tais autores, a qual descreve que 7 em cada 10 crianças de 0 a 60 meses de idade tiveram exposição excessiva ao tempo de tela, trazendo consigo impacto negativo ao desenvolvimento infantil (ROCHA, *et al.* 2021).

Cada vez mais se faz importante o emprego do desenvolvimento das habilidades sociais na infância, além de mediação parenteral e alfabetização midiática. Recomendações da implementação do trabalho interdisciplinar e intersetorial das tecnologias da informação, campanhas direcionadas a pais, educadores, escolas e universidade com foco no aprofundamento e sobre a verdadeira intenção das mídias interativas que são oferecidos a crianças é fundamental sobre o uso mais ético, saudável e seguro das telas (SBP, 2019-2021).

Treino de Habilidades Sociais como ferramenta de intervenção ao uso excessivo de telas na infância

Os conceitos de competência social, desenvolvimento socioemocional e habilidades sociais, embora distintos, têm sido considerados como fatores importantes da saúde psicológica. O termo desempenho social se refere à emissão de comportamentos em uma situação social, enquanto o termo competência social tem um sentido avaliativo aos efeitos nas situações vividas pelo indivíduo. O termo habilidade social, o qual é o foco do presente trabalho, se aplica à noção de existência de diferentes classes de comportamentos sociais nas atitudes da pessoa para lidar com as demandas das situações interpessoais (PRETTE, 2002).

As habilidades sociais se referem tanto aos comportamentos diretamente observáveis como as ações, por exemplo, quanto aos processos e eventos encobertos como as expectativas, as cognições e as percepções (PRETTE, 2001).

Desde as últimas décadas, foram inúmeras as tentativas de determinar um conjunto de habilidades consideradas essenciais para um desempenho socialmente adequado para as crianças. No final dos anos 70 um determinado pesquisador já tinha identificado 136 classes de habilidades sociais necessárias para crianças e diante disso, ele agrupou esse número em quatro conjuntos: relação consigo própria; relação com o ambiente; relação com tarefas; relação com outras pessoas (STEPHENS, 1992).

Outros pesquisadores, após dez anos mais tarde, selecionaram 60 novas habilidades que foram divididas em cinco classes: sobrevivência em sala de aula (ouvir, agradecer, pedir ajuda, perguntar, terminar tarefas, seguir instruções); fazer amizade (se apresentar, começar e terminar uma conversa, pedir favor, cumprimentar e aceitar cumprimentos, pedir ajuda); lidar com sentimentos (reconhecer e expressar seus próprios sentimentos, expressar compreensão dos sentimentos dos colegas, lidar com o medo, lidar com a raiva, expressar interesse pelos demais); alternativas à agressão (manifestar o autocontrole, pedir permissão, aceitar consequências, lidar com críticas); lidar com o estresse (enfrentar os aborrecimentos, lidar com fracassos e vergonha, dizer e aceitar o “não”) (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2013).

No final da década de 90, dois pesquisadores americanos verificando a diversidade de habilidades sociais citadas nos diversos estudos, realizaram uma análise de 21 pesquisas que envolveram 22 mil crianças e classificaram as habilidades sociais avaliadas em 5 classes: relação com companheiros (cumprimentar, elogiar, interagir, oferecer ajuda); autocontrole (respeitar limites, negociar, tolerar frustrações, lidar com críticas); sociais acadêmicas (habilidades de trabalhar de forma independente e produtiva na sala de aula, seguir instruções, orientar-se para as tarefas); ajustamento (habilidades cooperativas, como: usar apropriadamente o tempo livre, seguir regras e comporta-se conforme o esperado, atender pedidos e compartilhar coisas); asserção (habilidades expressivas, como: aceitar elogios, fazer convites, iniciar conversação) (FEITOSA, 2003; GARCIA, 2001; GOMES, 2000).

No Brasil, poucas são as pesquisas de identificação de habilidades sociais em crianças. Em um estudo foram emitidas 21 habilidades no contexto escolar, porém não exclusiva deste meio. A partir disso, quatro classes foram identificadas seguindo de suas respectivas subclasses: empatia e civilidade (habilidades de expressão de sentimentos positivos de solidariedade e companheirismo social); Assertividade de enfrentamento (habilidades de afirmação e defesa de direitos e de auto estima, com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor); autocontrole (habilidades de controle emocional diante de reação negativa ou a frustrações); participação (habilidades de se envolver e se comprometer com o contexto social mesmo quando as situações do ambiente não lhes são especificamente dirigidas) (MARTINI, 2003).

Após examinar distintas classes e subclasses que as compõe, é notado a necessidade de um sistema consensual e único, afim de se manter a unanimidade de critérios. Tomando como referência as classes de habilidades sociais descritas e examinadas e principalmente os problemas interpessoais mais comuns encontrados nas crianças em vários contextos, é proposto um sistema de sete classes de habilidades sociais, entendidas como prioritárias no desenvolvimento interpessoal da criança, conforme tabela abaixo:

Tabela 2 - Classes e subclasses de habilidades propostas como relevantes na infância

Classes	Principais subclasses
Autocontrole e expressividade emocional	Reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros; falar sobre emoções e sentimentos; controlar a ansiedade; controlar o humor; mostrar espírito esportivo; tolerar frustrações; expressar as emoções positivas e negativas.
Civilidade	Cumprimentar pessoas; aguardar a vez para falar; seguir regras ou instruções; se despedir; fazer perguntas; chamar o outro pelo nome; responder perguntas; usar expressões como: obrigado, me desculpe, com licença, por favor.
Empatia	Observar; ouvir; demonstrar interesse pelo outro; prestar atenção; compreender a situação; expressar compreensão pelo sentimento ou experiência ao outro; compartilhar; oferecer ajuda.
Assertividade	Falar sobre as próprias qualidades e defeitos; expressar sentimentos negativos; concordar ou discordar de opiniões; pedir mudança de comportamento; fazer e recusar pedidos; defender os próprios direitos; resistir a pressões de colegas.

Continuação da Tabela 2

Classes	Principais subclasses
Fazer amizades	Sugerir atividades; cumprimentar; fazer perguntas pessoais; aproveitar as informações livres oferecidas pelo interlocutor; aceitar elogios; oferecer ajuda; iniciar e manter conversação; identificar e usar jargões apropriados.
Solução de problemas interpessoais	Se acalmar diante de uma situação ou problema; identificar e avaliar possíveis alternativas de solução; pensar antes de tomar decisões; avaliar o processo de tomada de decisão.
Habilidades sociais acadêmicas	Prestar atenção; observar; seguir regras ou instruções orais; fazer e responder perguntas; aguardar a vez para falar; solicitar e agradecer ajuda; oferecer; elogiar e agradecer elogios; cooperar e participar de discussões.

Fonte: Del Prette e Del Prette (2013)

A influência da mídia no desenvolvimento da criança e na adolescência tem sido um tema com grande relevância discutido na atualidade. A geração atual tem tido um marco que pode causar um efeito influenciador sobre crianças e adolescentes, a mídia. A mídia é um canal satisfatório, onde promove a informação e a educação, porém por outro lado, pode causar conflitos na formação dos mesmos. (OLIVEIRA, PAULO, 2008).

Atualmente, a criança é exposta precocemente à programação de televisão e de outros meios de comunicação, como celular e tablets, fazendo com que futuramente os adolescentes se tornem singularmente suscetíveis à sua influência. Estudos realizados por Olmos (2003) e Silva (2005) relataram aspectos negativos do meio de comunicação no desenvolvimento dos adolescentes; as telas e as mídias apresentam atitudes e ideias prontas e não estimulam a criança a pensar ou a fazer deduções, pelo contrário, criam uma dependência baseada no consumo e até mesmo na violência exposta.

A mídia e as telas têm sido consideradas não apenas como problema, mas também como solução. Suas funções são inúmeras e alguns pesquisadores acreditam que educar é uma delas. Entreter, informar e difundir cultura contribui positivamente na formação de crianças e adolescentes. No ambiente escolar, as telas tem contribuído com o desenvolvimento dos alunos; Hitara et al (2005), citando Orozco, afirma em seu estudo que a educação deve ser realizada entre os meios de comunicação de massa.

É notório que as telas na infância interferem justamente nas habilidades sociais que deveriam ser desenvolvidas, como o autocontrole e expressividade emocional, ao qual fala de emoções e sentimentos que, por contra partida, são suprimidos pelo uso das telas (MELO, 2018), ou no âmbito de civilidade e de empatia, aos quais se reflete em demonstrar interesse pelo próximo ou no compartilhar experiências em grupo, situações estas que estão se perdendo hoje em dia, segundo Faria, Costa e Neto (2018), pois as telas tem tomado o lugar de pessoas, apesar de não suprirem tal socialização. O uso precoce e excessivo das telas pode causa danos irreparáveis no desenvolvimento biopsicossocial das crianças e causando doenças nos aspectos mentais, sociais e físicos da criança.

Cecconello & Koller (2000) definem a identificação e o treino de habilidades sociais como um fator de proteção no curso do desenvolvimento humano. Gomide (2003) e Del Prette (2003b) descrevem que um indivíduo quando cresce com déficits no desenvolvimento das habilidades sociais, apresenta evidencias concretas e crescentes em baixo desempenho acadêmico, transtornos de ansiedade, desordens emocionais variadas, abuso de drogas e até mesmo, futuramente, crises conjugais.

Murta (2005) cita o desenvolvimento das habilidades sociais como meio de prevenção para problemas futuros, aos quais podem ser classificados como prevenção primária, secundária e terciária. A prevenção primária, se encaixa a pessoas ou a grupos expostos aos fatores de risco, porém que ainda não foram acometidos por problemas interpessoais e visam ao incremento de suas habilidades sociais, como um ato de proteção, afim de minimizar a futura chance de ocorrência de problemas interpessoais. No caso de prevenção secundária, pessoas que já possuem efeitos de fatores de risco para problemas interpessoais, se encaixam nesse quesito, como por exemplo, crianças agressivas criadas por pais que possuem problemas em práticas educativas

parenterais. As intervenções focadas em prevenção terciárias, tendem a minimizar as consequências de pessoas que demonstram déficits acentuados em habilidades sociais, aos quais muitas vezes não tem pretensão de cura, como a esquizofrenia ou o autismo, por exemplo. Após essa classificação, Murta (2005) afirma que o desenvolvimento de habilidades sociais é uma ferramenta valiosa em todos os níveis e âmbitos na atuação da saúde, sendo de grande essência para minimizar fatores de risco e incrementar fatores de proteção ao desenvolvimento humano.

Caballo (1996) cita as habilidades sociais e conseqüentemente, a expressão de atitudes, uma resolução dos problemas imediatos da situação e diminuição da probabilidade de problemas futuros. Nesse cenário, Caldarella e Merrel (1997) definem a importância do desenvolvimento de habilidades em uma criança como forma dela apresentar sucesso em sua vida social, acadêmica, na forma de expressividade emocional, na solução de problemas interpessoais, de autocontrole, civilidade, assertividade, empatia. Catania (1999) e Strapasson (2007) acreditam que, quando mais socialmente habilidosa é uma pessoa, maior é a probabilidade de se favorecer a lidar com situações de conflitos.

Dell Prette e Dell Prette (2005) afirmam que as habilidades sociais são de suma importância para que a criança desenvolva um repertório cada vez mais afiado de competência social, refletindo futuramente em um ajustamento psicossocial e se, caso isso não ocorra, resulta em sintomas de problemas psicológicos. Melo (2018) confirma esse fato em seu estudo, ressaltando que, uma criança se destaca pela sua facilidade em relações sociais mais saudáveis, até mesmo futuramente com seus pares.

Cia e Barham (2019) consideram essencial que uma criança passe pelos treinamentos das habilidades sociais, afim de que auxilie um ajustamento social na vida desse indivíduo, lidando de uma forma mais adequada com as demandas encontradas no dia a dia. Ter uma boa convivência com o próximo, conseguir trabalhar bem em equipe e saber interagir adequadamente são resultados que as habilidades sociais trazem consigo, ainda segundo Cia e Barham (2019).

Gonçalves e Murta (2008) citam que quando um indivíduo é treinado em se portar de acordo com as habilidades sociais, ele está mais propenso a receber reforçadores sociais importantes, como respeito, amizade, convivência mais agradável e status em seu grupo social. Entretanto, também é sabido por esse

estudo que o não desenvolvimento dessas habilidades podem gerar dificuldades interpessoais, ressoando ainda mais como as técnicas e treinos sociais são importantes. A baixa competência social pode acarretar dificuldades de aprendizagens quando crianças e dificuldades interpessoais quando adultos (Del Prette e Del Prette, 2005).

Melo (2018) deixa claro que as habilidades sociais na infância possuem um papel de extrema importância para o desenvolvimento infantil, sabendo-se que elas têm a capacidade de contribuir em diversos âmbitos a essa fase. Na ocasião em que uma criança possui um treinamento de habilidades sociais afim de os desenvolver, uma chance maior dela conseguir manter relacionamentos harmoniosos e um melhor vínculo afetivo.

Discussão

O uso de telas por crianças se tornou crescente nos últimos anos e desde cedo os pequenos tem sido inseridos no mundo digital (FARIA, COSTA, NETO, 2018). Diante de todas as gerações que existiram, a geração de crianças do século XXI têm sido a que mais se faz o uso de telas, sendo denominadas “nativas digitais”. O celular tem sido o protagonista em grande parte do dia na infância e as brincadeiras foram substituídas pelas telas (FERNANDES; EISESTEIN; SILVA, 2018).

Santana (2021) cita que é possível estabelecer relação entre as mídias digitais e o desenvolvimento saudável das crianças, afirmando que nem sempre a exposição de telas, desde que seja supervisionada pelos responsáveis, traz malefícios para infância. É traçada uma linha tênue a qual separa o efeito anabólico ou catabólico das telas no desenvolvimento motor, social e psicológico causado pelas telas, que deve ser estipulada pelos guardiões da criança (SANTANA, 2021).

Silva (2021) e Gadotti (2000) corroboram com a afirmação de Santana (2021), defendendo a inserção da tecnologia no contexto da educação, visto que as crianças estão imersas no mundo tecnológico. Um estudo realizado por Silva (2021) sobre a percepção dos pais sobre o uso de aparelhos eletrônicos no contexto do COVID-19 mostra que, apesar de poucos, alguns pais contemplam

os pontos positivos das telas, reconhecendo sua utilidade como uma distração passiva, desde que seja controlada, e no seu auxílio para pesquisas sobre conteúdo escolar. Diante de tais opiniões, Arantes e Moraes (2021) advertem os pais sobre a utilização das telas como “distração passiva”, afirmando que quando o uso é exacerbado, problemas serão acarretados no desenvolvimento das crianças.

Segundo Fernandes (2018), os três primeiros anos de vida de um indivíduo é um período crítico de desenvolvimento, sendo observado que é uma fase que o sistema nervoso tem a capacidade de se reorganizar e adaptar as redes neuronais em resposta às exigências externas/ambientais ou internas/orgânicas, o chamado de “plasticidade”, ou seja, o cérebro tem uma capacidade aumentada em se remodelar em função das vivências de uma criança na descoberta do mundo ao seu redor. Diante disso, Faria, Costa e Neto (2018), apoiam que para que a criança tenha um desenvolvimento saudável, é essencial a interação com um outro indivíduo, assim como a prática de brincadeiras motoras e sensoriais, que contribuem para a aprendizagem e para a construção da criança, o qual, não podem ser supridas pelas telas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2019) e a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) reforça que crianças até dois anos de idade não devem ser expostas a nenhum tipo de tela.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) afirma que o tempo de uso diário ou a duração total/dia do uso de tecnologia digital deve ser limitado e proporcional às idades e às etapas do desenvolvimento cerebral-mental-cognitivo-psicossocial das crianças e adolescentes. Além disso, também é destacado a importância de controlar as horas de jogos online nas frentes das telas e acrescentar na rotina exercícios ao ar livre, brincadeiras, atividades esportivas e o contato direto com a natureza. Fazendo isso, será garantido insumos para o desenvolvimento e crescimento das crianças com alegria e afeto. Petri e Rodrigues (2020) reforçam as orientações da Sociedade Brasileira de Pediatria, afirmando que é essencial que brincadeiras lúdicas estejam presentes na infância, a qual é uma fase caracterizada pela imitação e imaginação.

Segundo Santana (2021), a luz de led que é emitida pelos aparelhos eletrônicos tem trazido complicações para o desenvolvimento e crescimento infantil, pelo fato delas ocasionarem a redução de melatonina, o hormônio do

sono, no organismo, deixando as crianças superexpostas em alerta. Dunckley (2019) acrescenta ainda que insônia, sobrepeso, introspecção, obesidade e síndrome metabólica são algumas comorbidades associadas ao tempo prolongado de exposição aos dispositivos eletrônicos que irão repercutir na vida adulta.

Paiva e Costa (2015) destacam a automação do comportamento das pessoas, principalmente de crianças, que se privam do relacionamento físico e propriamente humano, da troca de palavras e olhares. Petri e Rodrigues (2020) exaltam a importância da socialização e da interação entre família, mesmo que hoje em dia, se tenha perdido o seu valor em algumas casas. Da mesma forma, Maidel e Vieira (2015) citam em como a interação entre pais e filhos é essencial para o desenvolvimento da criança, principalmente nos primeiros anos de vida.

Diante de tais malefícios citados pelo tempo exacerbado do uso de telas, por outro lado, Del Prette e Del Prette (2013) descreve a importância das habilidades sociais como uma qualidade de vida para as crianças. A Organização Mundial de Saúde considera como parte das habilidades sociais a comunicação, empatia e a capacidade de lidar com “emoções, estresse, solução de problemas e tomada de decisões”.

Dell Prette e Dell Prete (2005) reforça com seus estudos que, diante da demanda da atual geração tecnológica, as crianças desenvolvam um repertório cada vez maior de habilidades sociais, a qual são consideradas de grande importância no ajustamento psicossocial e para prevenção de problemas ou sintomas psicológicos futuros. Bolsoni-Silva (2013) corrobora com os estudos acima, afirmando que as habilidades sociais podem colaborar com a prevenção e com a redução de dificuldades psicológicas.

Melo (2018) afirma que, a qualidade dos relacionamentos interpessoais da criança está diretamente ligada ao contexto familiar e suas instituições responsáveis pelo desenvolvimento e educação da criança. Diante de tal afirmação, é preocupante o fato que Petri e Rodrigues (2020) citam, de que na realidade atual, as relações familiares sofrem grande alteração; a socialização e a interação entre a família acabaram perdendo o seu valor e os pais, que deveriam ser os mediadores das crianças, foram substituídos pelas telas.

Ainda em relação ao contexto familiar, Silva e Santos (2018) afirmam que os pais, principalmente nos primeiros anos de vida da criança, são os seus

alicerces e é necessário que eles proporcionem um ambiente saudável para o desenvolvimento das habilidades sociais de seus filhos.

Além do ambiente familiar, outros ambientes e outros microsistemas participam do desenvolvimento das habilidades sociais da criança, como a escola e a vizinhança que as rodeiam. Silva, Bortolozzi e Milani (2019) afirmam que brincadeiras que são consideradas antigas e que antes eram apreciadas, como jogar bola, pular amarelinha, andar de bicicleta e brincadeiras ao ar livre, foram perdidas. Anjos e Francisco (2021) relatam que esse fato se tornou ainda mais evidente após a pandemia do COVID-19. Casares e Cabalo (2002) exaltam a importância de amizades na infância, visto que o relacionamento entre pares entre crianças contribui de forma significativa para o desenvolvimento das habilidades sociais, sendo um importante contexto para o seu desenvolvimento.

Petri e Rodrigues (2020) afirmam que as brincadeiras lúdicas devem estar presentes na infância, a qual é uma fase importante que é marcada pela imitação e imaginação. As brincadeiras são utilizadas de forma que as crianças possam se expressar, além de ser um importante meio de desenvolvimento de afetividade, de desenvolvimento da linguagem, e socialização, que são essenciais para um desenvolvimento saudável, as quais as telas tem interferido fortemente.

Del Prette e Del Prette (2005) fazem uma importante colocação, ao qual afirmam que, quanto menos a criança desenvolve suas habilidades sociais, maiores são as chances de que ela apresente problemas emocionais e comportamentais ao longo de sua vida. Santos (2020) cita que, apesar da mídia digital auxiliar e até mesmo facilitar processos que antes eram demorados, a mesma fez com que as pessoas se tornassem dependente desse mecanismo e dessa “facilidade”, aos quais adultos e crianças trocam momentos de lazer e interação pelas telas. Canaan, Ribeiro e Paolla (2017) reforçam que crianças cada vez mais jovens estão tendo o desenvolvimento de suas habilidades sociais interrompidos, pelo fato de que assim que nascem, já são inseridas na frente das telas.

Considerações Finais

Habilidades como autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas são consideradas como essenciais para o desenvolvimento infantil saudável e, portanto, devem ser contempladas de forma integradas, visto que são complementares e independentes e se apresentam como objetivos terapêuticos e educacionais na competência social das crianças (Del Prette e Del Prette, 2013).

Abrantes e Almeida (2018) afirmam que, crianças nascidas que tem sua cultura dominada pela tecnologia, substituem com facilidade o brincar imaginativo, a interação com o próximo e atividades ao ar livre, pelas telas. Diante disso, é sabido que novamente, as habilidades sociais como autocontrole e expressividade emocional e a empatia podem ser contraídas. Mathias e Gonsalvez (2017) sustentam a ideia de que o uso excessivo de telas digitais nos primeiros anos de vida do indivíduo traz danos à sociabilidade, desenvolvendo, conseqüentemente, a dificuldade nas habilidades sociais com outras crianças, pois desde cedo, não receberam os estímulos devidos para compartilhar, interagir e criar novos vínculos. Corroborando com essas afirmativas, Cruz (2018) relata que é notória o aumento da dificuldade das crianças da geração atual de interagir com seu próximo, brincar e conviver em grupos. Essa dificuldade é justificada devido ao uso excessivo de telas, quem além disso, gera agressividade, distúrbio do sono, dificuldade de concentração, ansiedade e má alimentação (CÂMARA, *et al.* 2020).

Andrade, Santos e Vasconcelos (2012) destacam a importância da inserção das habilidades sociais na infância como essenciais para as relações humanas futuras, pois, diante da maneira que cada uma lida com as suas emoções, pode interferir no relacionamento com o outro. Ainda é ressaltado que as habilidades sociais possibilitam que as crianças aprendam a lidar com seus sentimentos, ao qual Paiva e Costa (2015) citam que diante do excesso da exposição ao aparelho eletrônico na infância ocorre a dessensibilização dos sentimentos.

Assim, corroborando a visão de Pereira (2020), é importante ressaltar que quanto mais elaborado for o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças, melhor será o modo em que ela lidará com seus sentimentos e emoções, contribuindo no manejo de seus conflitos diários, reduzindo o estresse nas situações adversas e resolvendo seus problemas interpessoais, diferente de crianças imersas no mundo virtual, que podem apresentar comportamentos desadaptativos tanto na infância, quanto na vida adulta.

Referências

- ABRANTES, F. G. B. ALMEIDA, K. N. **Tecnologias digitais e educação infantil: impactos do uso excessivo na primeira infância.** 2018.
- AMARAL, R.G. **Mídias digitais interativas: perspectivas de níveis, graus e modelos.** 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- AMAYA, O. C. **A Sociedade de Consumo na Era Digital - Os Desafios do Desenvolvimento Sustentável na Era da Quarta Revolução Industrial.** Itajaí: Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Ciência Jurídica da Universidade do Vale do Itajaí, 2017.
- American Academy of Pediatrics. **Children, Adolescents, and the Media.** Pediatrics 2013; 132(5):958-961.
- ANDRADE, F. C. B. SANTOS, C. S. G. VASCONCELOS, M. H. V. **Autocontrole e expressividade emocional: desenvolvendo habilidade de sentir e expressar-se.** 2012.
- ANJOS, C.I. FRANCISCO, D. J. **Educação infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempo de pandemia.** Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23, p. 125-146, 2021.
- ARANTES, M. C. B. MORAIS, E. A. **Exposição e uso de dispositivo de mídia na primeira infância.** de Residência Médica em Pediatria - Brasília - Distrito Federal – Brasil. Número do manuscrito 535. Data de Submissão: Tuesday, January 12, 2021.
- BALBANI, A.P.S, KRAWCZYK, A.L. **Impacto do uso do telefone celular na saúde de crianças e adolescentes.** Revista Paul Pediatr 2011;29(3):430-6. 2010.
- BAPTISTA, A (Org.); JERUSALINSKY, J (Org.). **Intoxicações Eletrônicas: O sujeito na era das relações virtuais.** Salvador: Ágalma, 2017.

BENTO, G.G. SILVA, F.C. GONÇALVE, E. SANTOS, P.D. SILVA, R. **Revisão sistemática sobre nível de atividade física e estado nutricional de crianças brasileiras.** Revista Saúde Pública 2016; 18(4):630-642.

BOLSONI-SILVA, A. T. MARIANO, M. L. LOUREIRO, S. R. BONACCORSI, C. **Contexto escolar: práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis.** Psicologia Escolar e Educacional, 17(2), 259-269. 2013.

BRITO, R. **Estilos de mediação do uso de tecnologias digitais por crianças até os 6 anos.** Da investigação às práticas, Portugal, v. 8, n. 2, p. 21-46, jan/maio. 2018.

CABALLO, V. E. **O treinamento em habilidades sociais.** In: V. E. Caballo (org.). Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento. (pp.3-42). São Paulo: Santos Livraria Editora. 1996.

CALDARELLA, P. & MERRELL, K. W. **Common dimensions of social skills of children and adolescents: a taxonomy of positive behaviors.** School Psychology Review, 26 (2), 264-278. 1997.

CÂMARA, H. V. *et al.* **Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais.** ID Online Revista Multidisciplinar e de Psicologia. V.14, N. 51 p. 366-379, Julho/2020 - ISSN 1981-1179. Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>.

CANAAN, M. RIBEIRO, L. PAOLLA, Y. **Tecnologias digitais e influências no desenvolvimento das crianças.** Universidade, EAD e software livre, Minas Gerais, v. 1, n. 8, 2017.

CASARES, M.I.M. CABALO, V.E. **A timidez infantil.** In: Silveiras EFM. Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil. Vol. II. Campinas (SP): Ed. Papirus; 2002. P.11-43.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.** (4. ed.). Tradução de Deisy das Graças de Souza et alii. Porto Alegre: Artes Médicas. 1999 (originalmente publicado em 1998).

COSTA, L. S. ALMEIDA, M. P. P. M. **A substituição do brincar: implicações do uso de tecnologias por crianças de 0 a 2 anos.** Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2021.

CRUZ, P. M. F. A. **Impacto da tecnologia em grupanálise com crianças e adolescentes.** Revista do NESME, v. 15, n. 2, p. 82-91, 2018.

DEL PRETTE, A. & DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo.** Petrópolis: Vozes. 2001.

DEL PRETTE, Z. A. P. DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia e Educação**. Vozes: Petrópolis, RJ. 2005.

DONARD, V. **A Pesquisa em Psicologia na era digital: novos campos e modalidade**. Revista San Gregorio, 2016, nº12, Edição especial – Julho – Dezembro, (26-35), ISSN 2528-7907. Universidade Católica de Pernambuco – Recife. 2016.

DUNCKLEY VICTORIA L. **Síndrome da Tela Eletrônica: prevenção e tratamento**. *In*: Young Kimberly, Abreu Cristiano Nabuco (org). Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento [recurso eletrônico] – Porto Alegre: Artmed, 2019.

EISENSTEIN, E. *et al*. **Manual de orientação. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021)**. Sociedade Brasileira de Pediatria. Dezembro de 2019.

FARIA, H.C. COSTA, I.P. NETO, A. S. **Hábitos de utilização das novas tecnologias em crianças e jovens**. Gazeta Médica, Portugal, v. 5, n. 4, p. 270-276, out/dez. 2018.

FEITOSA, F. B. **Relação família - escola: Como pais e professores avaliam e reagem ao repertório social de crianças com e sem dificuldades de aprendizagem**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos (SP). 2003.

FERNANDES, C.M. Eisenstein, E. SILVA, E. J. C. **A criança de 0 a 3 anos e o mundo digital**. Sociedade Brasileira de Pediatria. Projeto Rede ESSE Mundo Digital. 2018.

GADOTTI, M. **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GARCIA, F. A. **Investigando diferentes indicadores de empatia em meninos e sua relação com a empatia e ações educativas dos pais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. FFCLRP - Universidade de São Paulo. 2001.

GOMES DA SILVA, V. M. G. **Indicadores de rejeição em grupo de crianças. Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Infância e Adolescência. Universidade Federal do Paraná. 2000.

GUEDES, S. C. *et al*. **A utilização de mídias interativas por crianças na primeira infância - um estudo epidemiológico**. Revista. Paul. Pediatr., São Paulo, v. 38, e2018165, 2020.

ICT KIDS ONLINE BRASIL. **Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil**. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Brazilian Network Information Center. São Paulo. 2020. Esta publicação está disponível também em formato digital em www.cetic.br.

JÚNIOR, A.F.A. SILVA, S.S. ARAÚJO, E.S.M. SILVEIRA, M. A. C. HEIMER, M.V. **Associação entre qualidade do sono e o tempo de tela em adolescentes.** Research, Society and Development, v. 10, n. 7, e43810716714, 2021. ISSN 2525-3409.

LUCENA, J. M. S. *et al.* **Prevalência de tempo excessivo de tela e fatores associados em adolescentes.** Sociedade de Pediatria de São Paulo. Publicado por Elsevier Editora Ltda. Revista Paul Pediatría. 2015;**33(4)**:407---414.

MADIGAN, S., BROWNE, D., RACINE, N., MORI, C., & TOUGH, S. **Association between screen time and children's performance on a developmental screening test.** JAMA pediatrics, 173(3), 244-250. 2019.

MAIDEL, S. VIEIRA, M. L. **Mediação parental do uso da internet pelas crianças.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 293-313, ago. 2015.

MALLMANN, M. Y. **As novas tecnologias e seu uso pelos bebês: o que as mães pensam sobre essa nova realidade?** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Março de 2019.

American Psychiatric Association **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014

MARTINI, M. L. **Relações professor-aluno e rendimento acadêmico: Uma análise das crenças, sentimentos e desempenhos de professores e alunos do Ensino Fundamental.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. FFCLRP - Universidade de São Paulo. 2003.

MATHIAS, E.L.U. GONSALVEZ, J. P. **As tecnologias como agentes de mudança na concepção de infância: desenvolvimento ou ameaça para as crianças?** Horizontes, v. 35, n. 3, p. 162-174, set/dez. 2017.

MATTOS, P.C. **Tipos de revisão de literatura.** Biblioteca Professor Paulo de Carvalho Mattos. Faculdade de Ciências Agrônomicas – UNESP Campus de Botucatu. Botucatu, 2015.

MELO, K. E. S. **O desenvolvimento de habilidades sociais na infância a partir da integração entre a família e a escola – uma revisão de literatura.** V Congresso Nacional de Educação. Universidade de Pernambuco/UPE – Campus Garanhuns. 2018.

MENDONÇA, R. G. VASCONCELOS, G. M. T. SANTOS, A. D. TANAJURA, D. M. MENEZES, A. F. **Efetividade de intervenções na redução do tempo de tela: Revisão sistemática.** Research, Society and Development, v. 10, n. 9, e22410918023, 2021. ISSN 2525-3409.

MOON, J. H. *et al.* **Smart device usage in early childhood is differentially associated with fine motor and language development.** Acta Paediatrica, 108(5), 903-910. 2019.

MORAIS R.L.S. CARVALHO, A.M. MAGALHÃES, L.C. **O contexto ambiental e o desenvolvimento na primeira infância: estudos brasileiros.** J Phys Educ 2016; 27(1):2714.

NOBRE, J.N.P. *et al.* **Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância.** Ciência e Saúde Coletiva, 26 (3):1127-1136,2021. DOI: 10.1590/1413-81232021263.00602019. 2021.

OLIVEIRA, M.C.A.M, PAULO, M.M. **Influência da mídia no processo de desenvolvimento do adolescente.** Revista Científica Eletrônica de Psicologia – ISSN: 1806-0625. Ano VI – Número 10 – Maio de 2008 – Periódicos Semestral.

OLMOS, A. **O aprendizado pela TV.** 2003. Disponível em: www.idec.org.br. Acesso em 05 de Novembro de 2021.

OMS. **Recomendações sobre uso de aparelhos eletrônicos por crianças de até 5 anos.** Nações Unidas do Brasil, 2019.

PAIVA, N. M. N. COSTA, J. S. **A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça?** Psicologia.pt – o portal dos psicólogos, 2015.

PETRI, I.S; RODRIGUES, R.F.L. **Um olhar sobre a importância do brincar e a repercussão do uso da tecnologia nas relações e brincadeiras na infância.** Research, Society and Development, v. 9, n. 9, p. 1-30, ago. 2020.

PEREIRA, C.M. **Possíveis contribuições das habilidades sociais no desenvolvimento infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia. Universidade Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2020.

POLINÁRIO, M.G. GIACOMAZZO, G.F. **Tecnologias digitais na infância: reflexos a partir da percepção das famílias.** UNESC - Saberes Pedagógicos, Criciúma, 2019; v. 3, nº 1, p. 179-193.

PORTES, C.R.P. GONÇALVES, N.G. **Adolescência inventada: a mídia como representação.** Secretaria de Estado da Educação - Superintendência da educação. Departamento de Políticas e Programas Educacionais - Coordenação estadual do PDE. São Mateus do Sul. 2008.

PRETTE, Z. A. P. PRETTE, A. D. **Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática.** 208 p. Editora Vorazes; 6ª edição. 1 de janeiro de 2013. ISBN-10 8532631444. ISBN-13 978-8532631442.

RADESKY, J. S. CHRISTAKIS, D. A. **Increased Screen Time: Implications for Early Childhood Development and Behavior.** Pediatr Clin North Am. 2016 Oct;63(5):827-39.

RIBEIRO, A.C. BATISTA, A.J. **A influência da mídia na criança/pré adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato.** Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia. I Encontro de História da Mídia da Região Norte. Universidade Federal do Tocantins – Palmas – outubro de 2010.

RICH, M. et al. **Uso problemático de mídias interativas entre crianças e adolescentes: dependência, compulsão ou síndrome?** In: YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. (org.). Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento. fatores de risco, avaliação e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ROCHA, H.A.L. et al. **Screen time and early childhood development in Ceará, Brazil: a population- based study.** BMC Public Health 21:2072. 2021.

RODRIGUES, A. M. M. **Por uma Filosofia da Tecnologia.** In: GRINSPUN, M.P.S.Z. (Org.) Educação Tecnológica - Desafios e Perspectivas. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, O. M. P. R. MELCHIORI, L. E. **Aspectos do desenvolvimento na idade escolar e na adolescência.** Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Unesp – Bauru. 2014.

SANTANA, M. I. RUAS, M. A. QUEIROZ, P. H. B. **O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil.** Revista Saúde em Foco – Edição nº 14 – Ano: 2021.

SANTO, C.C. BARROS, J.F. **Efeitos do uso das novas tecnologias da informação e comunicação para o desenvolvimento emocional infantil: uma compreensão psicanalítica.** Artigo científico – Psicologia. 2017.

SCHWAB, K. **A Quarta Revolução Industrial.** Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2016. p. 16.

SILVA, A.T.B. CARRARA, K. Habilidades Sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas.

SILVA, E. **O papel da mídia no enfrentamento da violência contra criança e adolescentes.** Disponível em <http://www.caminhos.ufms.br>. Acesso em 05 de Novembro de 2021.

SILVA, E.R.T. BORTOLOZZI, F; MILANI, R.G. **O brincar digital e uso das tecnologias na saúde da criança.** Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v. 6, n. 13, p. 125-138, jul./dez. 2019.

SILVA, J. SANTOS, A. B. **A presença das tecnologias no desenvolvimento das crianças.** Psicologia.pt, Paraná, 2018.

Sociedade Brasileira de Pediatria. **Manual de orientação para uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas.** Departamentos Científicos de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento e de Saúde Escolar. Nº06. Brasil: SBP, 2019.

Sociedade Brasileira de Pediatria. **Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital**. Manual de Orientação. Departamento de Adolescência. no.1, outubro de 2016. 13p.

STEPHENS, T. M. **Social skills in the classroom**. Odessa (FL): Psychology Assessment Resources. 1992.

STRAPASSON, B. A.; CARRARA, K. & LOPES JÚNIOR, J. Consequências da interpretação funcional de termos psicológicos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9 (2), 153-174. 2007.

TOMÁS, T.K.E. CARVALHO, C.R. **Crianças X Tecnologia: o que diz a pesquisa TIC kids online?** Perspectivas em diálogo: *Revista de Educação e Sociedade*, Naviraí, v. 7, n. 12, p. 245-273, 2017.

ZERBIN, B. CSK, M. SILVA, L. VIDA, H. **Linha do Tempo dos avanços tecnológicos**. Projeto Conexões. Assessoria Educacional. São Paulo. 2019.